

BLINDADOS EM RORAIMA **“Sentinelas do Lavrado”**



Expedito Carlos Stephani Bastos,
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora.
defesa@ufjf.edu.br

No início dos anos de 1980, em plena guerra fria o confronto ideológico USA x URSS por pouco não trouxe uma situação complicadora para a fronteira norte do Brasil, envolvendo o país e a fronteira com o Suriname, que estava a aproximar-se de Cuba, aliança essa que incomodava em muito os Estados Unidos.

Em 1983, em pleno governo Figueiredo, o último do ciclo militar, a disposição brasileira em evitar um confronto maior que pudesse gerar uma invasão do Suriname por parte de tropas americanas, como a que ocorreu logo em seguida a Granada, uma pequena ilha do Caribe, o governo militar brasileiro ofereceu ajuda material nos níveis econômico, técnico e militar, oferecendo inclusive veículos blindados Engesa dos modelos **EE-9 Cascavel** e **EE-11 Urutu**, respectivamente 6 e 16 unidades que até hoje equipam o Exército do Suriname.

Dessa maneira houve um distanciamento de Cuba por parte do Suriname e as tensões foram eliminadas, evitando-se assim a presença de tropas estrangeiras numa área fronteiriça de extrema importância para o Brasil, e como forma de assegurar a nossa soberania na região foi criado em 1983, duas bases aéreas nos estados de Rondônia e Roraima e nesse último, em razão do terreno ser propício ao emprego de blindados na região norte do país, uma grande área conhecida como lavrado, foi criado o **12º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado** equipado com os então modernos blindados de fabricação nacional, seis **EE-9 Cascavel** e sete **EE-11 Urutu**

além de outros equipamentos, sediado em Boa Vista, que até hoje são os únicos blindados naquela região.



EE-9 Cascavel do 12º Esq. Cav. Mec de Boa Vista, Roraima. Notar o nome, e dois são equipados com guincho elétrico. (Fotos: autor)



EE-11 Urutu do 12º Esq. Cav. Mec de Boa Vista, Roraima. Notar o nome de um deles AMAJARI. (Fotos: autor)

Passados todos esses anos, e agora, em pleno século XXI, a situação na região continua tensa, em razão dos problemas internos em Roraima, como demarcação de terras indígenas, fartos recursos minerais e com o agravante de vizinhos como a Venezuela que tem um problema fronteiriço com a Guiana, na região do rio Essequibo, que pode ser mais um somatório para o agravamento de uma nova crise.

Como o terreno é propício ao emprego de blindados e na região existem duas rodovias asfaltadas que ligam a capital Boa Vista à Venezuela e a Guiana, além de no sentido oposto chegar até Manaus, e sendo o estado de Roraima uma fronteira de extrema importância estratégica na região norte do país, seria de bom tom que fosse ali agregado um maior poder de força em termos de blindados, até para renovar o equipamento já existente e dar uma maior capacidade de pronta resposta a qualquer problema futuro, visto que todas as nossas unidades blindadas de carros de combate se encontram nos estados do sul e mato grosso do sul, muito distantes daquela

região e com um complicador a mais que seria o fato de ter de deslocá-las numa emergência, o que no momento é praticamente, inviável dado à carência de meios e recursos.



Visão a partir da luneta de tiro do EE-9 Cascavel e empregando EE-11 Urutu como um importante meio anfíbio. (Fotos: do 12º Esq. Cav. Mec.)



EE-9 Cascavel em manobras e tiro real. (Fotos: do 12º Esq. Cav. Mec.)



EE-9 Cascavel e EE-11 Urutu em operação, únicos blindados na região norte. Notar o terreno. (Fotos: do 12º Esq. Cav. Mec.)

Ora, num momento em que falam tanto de um novo **Plano Estratégico de Defesa** e de um **remanejamento de forças**, nada mais lógico do que reforçar naquele estado, com o envio de unidades de carros de combate e os blindados novos 6x6 que estão em fase de desenvolvimento para substituir os já obsoletos e antiquados blindados lá existentes.

Talvez uma solução fosse, visto que adquirimos na Alemanha 230 carros de combate **Leopard 1 A5**, cuja previsão de entrega se inicia a partir do ano que vem, deslocarmos para aquela região os **M-60 A3 TTS**, dos quais temos 91 exemplares e estão a fugir da padronização que se efetuará tornando os Leopard o padrão de nossas unidades de carros de combate e regimentos de cavalaria blindada.

Estaríamos assim mantendo uma força expressiva numa área de grande importância para a defesa da região amazônica, lógico que teríamos de agregar outros equipamentos às demais forças para dar o suporte necessário, aprendendo com o nosso passado, não muito distante.

CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS PAULINO SOARES DE SOUSA

Universidade Federal de Juiz de Fora

